

Redes sociotécnicas e translação do conhecimento

Sociotechnical Networks and knowledge translation

Sydia Rosana de Araujo Oliveira

Doutora em Saúde Coletiva - Fundação Oswaldo Cruz/ Instituto Aggeu Magalhães.

Resumo

Um dos achados mais consistentes da ciência é a incapacidade de traduzir a pesquisa em política e prática. Como resultado, pacientes deixam de se beneficiar com avanços científicos, bem como sistemas de saúde são expostos a despesas desnecessárias. Observa-se que o processo de Translação do Conhecimento é premente, contudo pesquisas apontam que muitos desafios se colocar para implementá-lo. Este estudo objetiva explorar um modo de pensar em relação aos usuários do conhecimento, usando os conceitos e princípios da Teoria do Ator-Rede (TAR) ou Teoria da Tradução. Actantes do conhecimento, expande a noção de usuários do conhecimento, sendo aqueles que operam e estabelecem alianças necessárias a novas práticas. Destas conexões, disparam a construção de uma rede, permitindo que a circulação do conhecimento seja profícua, e se estabeleçam formas flexíveis e dinâmicas que possam criar novas práticas capazes de potencializar suas ações. Compreende-se que ao analisar as redes de produção do conhecimento pode-se encontrar caminhos para o intercâmbio e aplicação de conhecimento e, conseqüentemente, melhorar a utilização de resultados de pesquisa na prática e na formulação de políticas de saúde, proporcionando produtos e serviços de saúde mais efetivos, melhorando a saúde, e fortalecendo do conhecimento, expande.

Palavras Chave:

Teoria do ator-rede, translação do conhecimento, avaliação em saúde.

Abstract

One of the most consistent findings of science is the inability to translate research into policy and practice. As a result, patients fail to benefit from scientific advancements as well as health systems are exposed to unnecessary expenses. It is observed that the process of Knowledge Translation is pressing, however research indicates that many challenges are put in place to implement it. This study aims to explore a way of thinking about the users of knowledge using the concepts and principles of the Theory of Actor-Network (TAR) or Theory of Translation. Knowledge actors expands the notion of knowledge users, being those who operate and establish alliances necessary to new practices. From these connections, they trigger the construction of a network, allowing the circulation of knowledge to be profitable, and only with flexible and dynamic forms can one create new practices capable of enhancing their actions. It is understood that in analyzing knowledge production networks one can find ways to exchange and apply knowledge, and consequently improve the use of research results in the practice and formulation of health policies, providing health products and services more effective, improving health, and strengthening the Unified Health System.

Key Words:

Actor-network theory, knowledge translation, health evaluation.

1. Introdução

Um dos achados mais consistentes da pesquisa em saúde é a incapacidade de traduzir a pesquisa em ação. A Translação/Tradução do Conhecimento (TC) é interativa e dinâmica, incluindo a síntese, disseminação, intercâmbio e aplicação de conhecimento para a prática de saúde, com limites flexíveis entre criação do conhecimento e desenvolvimento das ações para produzir resultados benéficos para a sociedade. [1]

Globalmente, observa-se que os sistemas de saúde não conseguem usar as evidências de forma otimizada para enfrentar os desafios de melhorar a qualidade do atendimento, reduzir o risco de eventos adversos, bem como combater despesas dispensáveis. Como resultado os pacientes são expostos a riscos desnecessários e deixam de se beneficiar dos avanços na área da saúde. [2]

Evidências apontam que pacientes nos EUA receberam 50 a 55% dos cuidados recomendados, com a qualidade variando de acordo com hospitais, cidades e condição médica [3], e que cerca de 20% a 30% dos pacientes podem receber cuidados que não são necessários ou cuidados que podem ser potencialmente prejudiciais. [4] Assim, nas últimas décadas percebe-se o aumento das pesquisas sobre como reduzir o fosso entre evidências-prática-política.

Observa-se que o processo de TC é premente, entretanto pesquisas apontam que muitos desafios estão postos para implementá-lo, seja incluindo a falta de familiaridade com o tema, dificuldades em identificar problema de pesquisa relevante, pouco envolvimento dos principais interessados com falta de parceria entre pesquisadores e usuários do conhecimento no processo de investigação, além de baixos orçamentos para pesquisa e pouco enfoque em TC pelas políticas de agência de financiamento. [5]

Para enfrentá-los, estudos identificaram estratégia para potencializar a TC e para progredir na ciência e prática de TC na área da saúde. É preciso reconceitualizar a maneira como se pensa e fala sobre tradução e deve-se focar na co-criação de conhecimento entre os usuários do conhecimento. Onde todos devem compartilhar suas ações para garantir a utilização de pesquisas relevantes, facilitando a tomada de decisões e mudanças na política, prática e prestação de serviços de saúde [6–8]

ATC é complexa e interativa, necessitando de abordagens capazes de captar a dinâmica das ações dos atores envolvidos, bem como as interações que se estabele-

cem neste processo. Assim, este estudo objetiva explorar um modo de pensar em relação aos usuários do conhecimento usando os conceitos e princípios da Teoria do Ator-Rede (TAR) para compreender quem são estes usuários, como eles circulam no espaço social e como potencializar suas ações. Finalizar-se-á discutindo perspectivas para que as redes de conhecimento ampliem o corpo de actantes, que possam melhorar a utilização dos resultados de pesquisa na prática de saúde e proporcionar sustentabilidade à TC.

2. Contextualizando a Teoria do Ator-Rede/Teoria da tradução

A TAR ou Teoria da Tradução é uma abordagem sociológica, que considera que o tecido social é construído através de associações que se estabelecem na interação entre os atores. Um tipo de conexão entre elementos que, em si mesmos, não são sociais, mas que suas associações se constituem em uma rede. [9]

As redes constituem-se em um sistema coletivo de ação, onde os distintos atores envolvidos no processo social, estabelecem alianças em função de objetivos comuns, contemplando seus respectivos interesses, isto é, aquilo que os ajude a alcançar seus objetivos entre as muitas possibilidades existentes. O processo de expansão e de consolidação da rede que consiste em estabelecer conexões entre atores que não estavam anteriormente conectados, pode ser compreendido pela noção de tradução. [10]

Neste processo coletivo, as redes operam por meio de traduções provisórias e experimentais, que elaboram, fazem circular e estabelecem os saberes, as competências e os artefatos técnicos necessários às novas práticas [11]. Por serem totalidades abertas capazes de crescer através de fluxos, circulações, e alianças que interferem e sofrem interferência de diversos atores, as redes são compreendidas como Redes Socio-técnicas (RST). [11]

As RST constituem o espaço onde actantes (atores humanos e não humanos) atuam de modo flexível e dinâmico por meio da atividade humana, sem distinção entre estes elementos. Esse movimento de pensar heterogeneidades em articulação permite a ampliação ou estagnação da rede, através da agregação cada vez maior de aliados heterogêneos [12,13]

Para Latour (2006), não existe diferença ontológica entre objetos ou pessoas, todos possuem capacidade de produzir efeitos no mundo. Conhecimento, textos,

máquinas, aplicativos, recursos são elementos vivos, e que revelam as dinâmicas sociais que os produziram. Eles têm influência (agency), o que significa que eles agem. Neste sentido, actantes designam seres que nem são puros humanos e nem puros não-humanos, mas uma associação entre humanos e não-humanos.

Nessa mecânica do poder, traduções são o modo pela qual as RST de híbridos humanos-não humanos são criadas e expandidas. Novos actantes se utilizam das estratégias necessárias para consecução dos seus objetivos, onde aqueles que são capazes de obter maior êxito em face da resistência, aqueles competentes em arregimentar mais aliados, em estender e solidificar suas redes na situação apresentada conseguem estabilizar a rede. [14]

Na perspectiva da TAR, os elementos e a dinâmica que se estabelecem na RST definem o sistema em ação, seja ele qualquer sistema social, permitindo acompanhar suas flutuações e estruturas resultantes. [15] Essa estrutura é a caixa-preta, quando as conexões entre os diversos actantes são tão fortes que elas desaparecem e não são mais questionadas. Este conceito nos permite entender a realidade como um processo de endurecimento da vida em certezas, as quais dependem de amarrações que produzem uma solidificação de um determinado acontecimento.

O fechamento da caixa-preta é fruto do processo de construção de cooperação, entre entidades que antes estavam desconectadas, através do qual as controvérsias são resolvidas. Ou seja, a operação de tradução implica que ao mesmo tempo em que os atuantes procuram engajar outros para que eles acreditem na caixa-preta, isto é, nas suas afirmações, tenta-se evitar que estes transformem-na a ponto de torná-la irreconhecível. [11]

A tradução implica, ao mesmo tempo, em similaridade e em diferença: algo se mantém e ao mesmo tempo, algo se desloca e se modifica. A busca de constância apontará para as semelhanças, para a manutenção de um padrão, mas o próprio movimento de tradução implicará em deslocamentos, modificações, rupturas e aproximações que podem fazer emergir o novo. [15] Estas novas operações de tradução podem contribuir para modificar, transformar, contradizer ou ao contrário, reforçar as traduções anteriores, isto é, modificar ou estabilizar o universo de atuantes. [13]

Neste sentido, o processo de TC pode ser decodificado compreendendo a dinâmica que se estabelece na construção do conhecimento. O complexo sistema de interações entre actantes do conhecimento.

3. Actantes do conhecimento em rede sociotécnicas

3.1. Quem são os actantes?

Pesquisas realizadas no campo da transferência do conhecimento compreendem que existe uma estrutura organizacional para decodificar esse processo, dividida em 5 estruturas: 1. O que deve ser transferido para os tomadores de decisão (a mensagem)? Para quem deve ser transferido o conhecimento da pesquisa (o público-alvo)? Por quem deve o conhecimento da pesquisa ser transferido (o mensageiro)? Como o conhecimento de pesquisa deve ser transferido (os processos de transferência de conhecimento e a infraestrutura de comunicação de apoio)? Com que efeito o conhecimento de pesquisa deve ser transferido (avaliação)? [16,17]

A mensagem deve ser composta por um corpo de conhecimento de pesquisas, ou seja, a respeito de aplicação de pesquisa, ou diretrizes baseadas em evidências. Estas seriam encaminhadas ao público-alvo, podendo ser criadas mensagens específicas para cada público. O mensageiro seria um indivíduo (por exemplo, profissional de saúde, pesquisador ou consumidor), grupo, organização ou mesmo sistema de saúde. Os processos de transferência de conhecimento e a infraestrutura de comunicação de apoio incluem as publicações, listas de discussão, blogs, salas de discussão, reuniões de grupos de interesse e mesas redondas. E a avaliação são as medidas de desempenho deste processo. [16,18]

Há uma suposição de que mensageiros e público-alvo da pesquisa são dois grupos ou comunidades separadas e que a transferência de conhecimento ocorre de maneira racional e linear, permitindo que alguns sejam produtores e outros usuários. Esta forma de pensar está ultrapassada e estudos mais recentes compreendem que o conhecimento ocorre em um fluxo ativo e multidirecional de informações [19], onde as interações e trocas se estabelecem entre uma ampla gama de interessados, os usuários do conhecimento.

Nesta perspectiva, estes indivíduos ou grupos são capazes de usar evidências geradas por pesquisa para tomar decisões informadas sobre políticas de saúde, programas e práticas [18], incluindo pesquisadores (dentro e entre as disciplinas), decisores políticos e gestores, prestadores de cuidados de saúde, e consumidores (ou seja, pacientes, familiares e cuidadores informais). [6] Compreendendo que a pesquisa remete a interação complexa entre todos os atuantes do processo, com múltiplos fatores determinando e interferindo como o conhecimento baseado em pesquisa encontra caminho para a prática.

O uso da complexidade para explicar o que acontece na TC está crescendo, com base em abordagens interativas e flexíveis. [20,21] Neste sentido, a TAR possibilita o reconhecimento da existência de actantes que se relacionam em RST. Estes actantes não são apenas os envolvidos tradicionalmente no processo de construção do conhecimento, como os usuários já elencados pela literatura, mas um conjunto de entidades que no geral não são consideradas como o próprio conhecimento, os processos de disseminação, os recursos tecnológicos, e todo o conjunto de atores não humanos que interagem e agem na TC.

Estes actantes não humanos interferem na TC e não se restringem apenas a produtos da ação. [22] Entender a TC a partir da noção de RST permite estabelecer uma dinâmica diferente. Compreendendo a necessidade de conectar universos inicialmente distantes, negociando interesses na (re) configuração das suas identidades e relações, percebendo a tradução do conhecimento como um ente distinto.

A presença de novas tecnologias é uma realidade e tem sido utilizada como ferramenta no processo de síntese, disseminação e aplicação do conhecimento. Plataformas e aplicativos de tradução, por exemplo, nos permitem transpor barreiras como os idiomas que até bem pouco tempo atrás nos impediam de ter acesso à pesquisas e conhecimentos. Contudo, estes atuantes que não são meras ferramentas criam novas identidades e interesses que lhe são próprios, mas que se alinham de maneira crescente à medida que a rede se consolida. [23]

Assim, expande-se a noção de usuários do conhecimento. Estes passam a ser actantes que operam e estabelecem alianças necessárias a novas práticas. Da conexão de novos atores, recursos e conhecimentos resulta o desenvolvimento de soluções inovadoras, que a medida que se implementam são modificadas e modificam o seu contexto. [14] A ideia de RST é mais potente por permitir que se entenda a TC de forma a garantir que os actantes ajam em benefício da saúde das populações.

3.2. Como circulam?

De modo geral, as pesquisas apontam que os pesquisadores carregam a responsabilidade de conduzir a TC, e existiria um fosso entre os pesquisadores que produzem o conhecimento e os demais usuários que iriam se beneficiar do conhecimento produzido. Quando problemas surgem neste processo e observam-se “lacunas de tradução”, estratégias têm sido adotadas para realizar a

conexão através de navegadores de pesquisa e corretores de conhecimento. [18]

Cabe explicitar aqui um ponto de inflexão na construção do conhecimento, onde as atividades de circulação do conhecimento, estariam relacionadas ao conhecimento produzido por pesquisadores; a utilização que os demais usuários fariam deste conhecimento; e as possíveis interações entre pesquisadores e os usuários do conhecimento. [16]

Neste sentido, observam-se barreiras significativas neste processo, que desconhece o papel dos diversos elementos não-humanos que compõem a TC, bem como não reconhecem a existência de uma construção em rede. Compreende-se o conhecimento a partir de uma unidade singular, uma caixa-preta, onde as conexões entre as diversas entidades são tão fortes que elas desaparecem, como se os processos estivessem sempre dados, as certezas estivessem sempre presentes.

O conceito de caixa-preta nos permite entender os acontecimentos, como solidificações, amarrações dos processos, sem questionamentos. Assim, essa configuração da ciência em certeza, estabelece o desaparecimento das ações dos actantes que nela estão envolvidos e que fazem com que o conhecimento circule. [15] Contudo, o conhecimento é um sistema complexo, onde agentes interagem entre si, com interesses que os agregam e com diversas partes interconectadas, de modo que a rede cresce à medida que os interesses se assemelham, podendo ser desfeitas a qualquer momento.

Assim, como as redes são consistentemente não confiáveis e podem se tornar instáveis, o conteúdo e a complexidade da caixa preta podem se tornar visíveis. No momento em que o alinhamento dos objetivos, ou os interesses dos atores se modifica, a rede pode ser desfeita. Isto é, quanto mais heterogênea as identidades destes atores que compõem a rede, mais instável ela é. Sua abertura possibilita interações para todos os lados e direções, não possuindo limites externos. [23]

Esta série de associações entre os atores que estão constantemente formando (e desfazendo) redes é marcada por uma forte heterogeneidade, no momento de sua constituição, e forte homogeneidade, quando se solidifica. Cabe entender que a homogeneidade das redes se estabelece pela constituição de alianças e de configuração de interesses comuns e que as caixas pretas podem sempre ser reabertas. Neste sentido, o conhecimento circula à medida que se expande a rede de aliados, fazendo que opositores sejam compelidos a se unir a rede de conhecimento estabelecida.

A evolução de um nó ou uma série de nós, quer dizer um indivíduo ou indivíduos com uma visão para avançar uma iniciativa específica, podem disparar a construção e evolução de uma rede (processo de TC), permitindo que a circulação do conhecimento seja profícua por ser a TC o interesse que move e constitui a rede. Neste sentido, atores humanos e não humanos são muito produtivos para expandir o processo. [8]

Entender o espaço que cada actante ocupa na construção da rede de conhecimento permite entender que em alguns momentos determinado actante age como ponto focal para iniciar um processo, seja ele o pesquisador, o tomador de decisão, o vírus, o aplicativo. Todos os componentes que compõem a rede estão intimamente relacionados em uma rede de atores que se ajudam e moldam-se. [24]

Se levarmos em conta o surto de microcefalia no Brasil, em 2015, a microcefalia foi o actante focal que iniciou a constituição de uma RST, capaz de articular aliados e interesses na busca de objetivos comuns. Esse processo articulou pesquisadores, pacientes, profissionais de saúde, vírus, conhecimento, recursos, famílias, uma rede heterogênea capaz de produzir algo novo, que mobilizou uma rede de atuantes em busca de soluções e interesses comuns.

Assim, é fundamental angariar aliados. Compreender como humanos e não-humanos interagem para traduzir o conhecimento produzido em prática, entender que a interação entre os actantes do conhecimento influenciará a circulação do conhecimento e a segurança do conhecimento. Estabelecer que determinados usuários possuem maior poder dentro da construção social esbarra em questões que dificultam a solidificação da rede e o questionamento do próprio conhecimento.

A pouca credibilidade que pesquisadores tem com a população em geral, do mesmo modo que a descrença nas evidências científicas são questões que merecem ser discutidas em virtude de impactarem na circulação do conhecimento e na tradução do conhecimento em prática. As tendências de anti-ciência e um mundo “Post-truth” passam a ser uma preocupação para a TC, tendo em vista que no momento que as evidências científicas são contestadas, de modo que uma boa pesquisa não seja suficiente para garantir sua aceitação na prática, é preciso estabelecer estratégias para ultrapassar essas controvérsias. [25,26]

As controvérsias constituem disputas entre posições, pontos de vista, dos objetivos que estão em desacordo, do algo que está em jogo. A controvérsia precede o aparecimento de uma inovação, de uma mudança, pois,

sempre que uma afirmação ou teoria encontrar alguma oposição, será empurrado para o questionamento, entrando assim, em um ambiente de controvérsias, em uma batalha. [13]

Essas controvérsias podem suscitar a identificação de novos actantes envolvidos no processo de tradução e ampliar o fluxo das redes. Lembrando que o movimento das redes se constitui de jogos de interesse, onde os porta-vozes lançam mão de suas estratégias visando estender e intensificar sua influência, seja na defesa de um fato ou contrário a ele. [27] Assim, cada actante tem o poder de influenciar as identidades e os interesses de outros, estabelecendo a composição de diferentes elementos que se moldam e possibilitam a circulação dentro das redes.

3.3. Como potencializar suas ações?

Questões como: que mensagens transmitir? e que formas esses diálogos devem assumir?, desafiam os atores do conhecimento a considerar a necessidade de traduzir os resultados da investigação em linguagem e formatos direcionados para diversos públicos. [28] Sabe-se que o uso de estratégias integradas garante uma pesquisa mais relevante e melhor utilização dos resultados da investigação. [1]

Abordagens tradicionais, como apresentações em conferências e artigos científicos, ou ainda outras iniciativas como visitas educativas de sensibilização, encontros educacionais, diálogos deliberativos, resumos de políticas, boletins informativos, vídeos, *sites*, *blogs*, comunicação social, são estratégias utilizadas para facilitar o acesso, a disseminação, a troca e o uso de evidências. [29] Contudo, é importante uma maior compreensão do impacto do processo de translação no empoderamento e capacitação dos diferentes intervenientes e na promoção do seu papel enquanto agentes de mudança, maximizando de forma mais global os resultados em saúde. [28] É preciso compreender a comunicação social ou aplicativos como actantes que influenciam a tradução do conhecimento e que constituem a RST, que permite a articulação com usuários que estavam desconectados da rede. Os esforços têm sido desenvolvidos para disseminar achados científicos de forma mais efetiva, permitindo crescente reconhecimento de tornar os resultados de pesquisa acessíveis e mais precisamente parte do processo de TC.

A partir do referencial da TAR busca-se explorar os usuários do conhecimento para além da visão hegemônica entre atores humanos que produzem ação. Conce-

be-se que a TC é um sistema de ações que operam com RST que produzem inovações, criam e reconfiguram as ligações entre atuantes. [23] Entende-se que a TC é composta por processos de tradução onde os diferentes “actantes” tratam de impor sua particular definição dos factos e, portanto, onde se negociam e acordam de maneira constante a identidade dos próprios atores, as possibilidades de interação e as margens de manobra respetivas.

Percebe-se a TC como RST, onde os actantes humanos e não-humanos (pessoas, grupos, conhecimentos, instrumentos e natureza) agem de forma flexível e dinâmica para criar práticas que suportam as funções de transformação do conhecimento. A TC tem por natureza uma dimensão coletiva, apenas sendo viabilizada através da conjugação de interesses e mobilização de um grande número de aliados.

A conexão em redes pelos diversos actantes heterogêneos, permite uma costura desses elementos, que propicia através do exercício do poder a ampliação, estagnação ou finitude das redes. Assim, para potencializar a ação da TC é necessário compreender como actantes são reunidos e passam a operar por meio de procedimentos práticos, dirigidos a determinados objetivos, produzindo formas particulares de ação. [30]

As relações de poder são pensadas como efeito da estabilização de redes, que formariam um agregado cada vez maior de aliados heterogêneos, assim potencializando o crescimento e estabilização da própria rede. Em cada caso específico são postos em funcionamento diferentes técnicas de poder, que seriam os métodos pelos quais os atores buscam tornar-se mais regular e previsível o comportamento de outros atores, abrindo certas possibilidades de ação e rechaçando outras. Tal conceção explicaria a utilização do aplicativo “Aqui tem camisinha”, por exemplo, que permite a identificação de pontos de distribuição de preservativos, com associação a informações sobre pontos de testagem e tratamento. Esse actante permite a conexão de jovens que muitas vezes são resistentes a participação em grupos de capacitação, mas que passam a compor a rede através da influência da tecnologia digital.

Potencializar a ação dos actantes no processo de TC será possível através de diversas estratégias para afiliar ou convencer os atores envolvidos a cooperar no processo de construção de redes. Cabe estabelecer diversos métodos e formas de compor alianças e possibilitar o interesse coletivo na translação. Assim, como estabelecido na noção de tradução da TAR na qual o ator é capaz de exercer poder de modo particular sobre a ação de

outras pessoas, aglomerando em uma rede não devido a laços ou dependências legais ou institucionais, mas porque elas chegaram a compreender seus problemas de maneiras a estabelecer novos pactos e os próprios destinos como estando, de alguma maneira, ligados uns aos outros. Conseguir convencer novos aliados para consolidação da rede, deve fazer parte do processo de TC. Essa comunicação que possibilita novas alianças nem sempre é direta e passa pela construção de mediações, com alinhamento de objetivos. [23]

4. Redes de Produção do Conhecimento e prática de saúde

Redes de colaboração em áreas de pesquisa são uma prática constante no meio científico, contudo, a ampliação desta rede, como Redes de Produção do Conhecimento, no intuito de facilitar o estabelecimento de colaborações, quer dizer angariar aliados entre todos os actantes do processo de tradução do conhecimento, é algo que deve ser perseguido pelos próximos anos.

O interesse na TC tem aumentado devido ao reconhecimento de que é fundamental para o desenvolvimento de conhecimento relevante, disseminação e utilização de resultados de pesquisa. Pensar a TC como parte das pesquisas e do processo de construção do conhecimento é algo premente e que exige o envolvimento de todos os actantes do conhecimento no início do processo. Garantindo que a essência dos problemas seja capturada, auxiliando na identificação de problemas de pesquisa que sejam relevantes para práticas e políticas, bem como desenvolvendo um papel ativo no plano de translação do conhecimento, fornecendo subsídios para decidir sobre os tipos de abordagens que funcionam melhor.

O desafio permanece em torno de como o conhecimento se mobiliza em determinados espaços, sem incluir muitas vezes todos os atores. Compreender que é vital engajar todos os actantes, sejam eles humanos e não-humanos, propondo que haja interatividade e conexões nesta RST é fundamental. A Redes de Produção do Conhecimento que se constitui, que interagem e conectam para que a TC ocorra, difere das partes unitárias de cada actante que conforma a rede. Assim, cabe garantir o desenvolvimento de RST que se conformam para desenvolver, refinar e mobilizar a totalidade da rede. [8]

Redes de Produção do Conhecimento visam facilitar e compartilhar o aprendizado sobre atividades eficazes de

tradução e disseminação de conhecimento para influenciar a tomada de decisões em diferentes áreas políticas e para garantir que as evidências cheguem àqueles que têm o poder de tomá-las.

Iniciativas nesta perspectiva já tem sido esboçada como o Programa de Rede de Promoção da saúde da Fundação Oswaldo Cruz (FioPromos), que foi publicado em agosto de 2018, e estabelece como um dos seus objetivos: “Induzir a integração entre grupos que desenvolvam ações de Promoção da saúde na Fiocruz para elaboração de projetos com o território, em RST, com foco na geração de produtos e processos que envolvam a troca entre os saberes científico e populares”. Entender que as redes de colaboração já estabelecidas devem ter como interesse criar múltiplas interconexões que se movem em direção a novos entendimentos e insights e que se constituam para além de redes de colaboração, mas como Redes de Produção do Conhecimento.

Com a estabilidade da rede obtida por meio de um conjunto de estratégias, táticas e técnicas, as redes se solidificam e surgem as inscrições que possibilita que eventos produzidos e observados localmente, e por tempo limitado, ganhem estabilidade (tornando-se duráveis). Inscrições fazem com que acontecimentos possam ser móveis, comparáveis, duráveis e tratáveis, convertendo essas heterogeneidades em homogeneidades. [24] As possibilidades que disso decorrem têm importantes implicações para o funcionamento prático das relações

na rede de conhecimento, pois permitirão a solidificação do conhecimento e a disseminação das evidências de modo que as mesmas estejam disponíveis e acessíveis para a prática de saúde.

Há uma necessidade crescente de promover o uso do conhecimento científico produzido em estratégias de ações e políticas de saúde. Advoga-se por conhecimento mais pertinente e eficaz e que, conseqüentemente, se traduza em efetivos ganhos em saúde. Ao analisar as inscrições produzidas pela rede alcança-se o efeito de considerar os fenômenos investigados como um objeto "natural", dotado de uma realidade prévia e totalmente independente e conseqüentemente, mais instituído nas práticas da rede de produção do conhecimento.

Neste artigo, explicitou-se como o uso de RST pode melhorar a TC e argumentou-se que mudar a forma como se pensa a TC, como um emaranhado de actantes humanos e não-humanos pode influenciar a criação de novas redes e o movimento do conhecimento em todos os sistemas que precisam desenvolvê-lo e utilizá-lo. Compreende-se que ao analisar as redes de produção do conhecimento pode-se encontrar caminhos para o intercâmbio e aplicação de conhecimento, e conseqüentemente melhorar a utilização de resultados de pesquisa na prática e na formulação de políticas de saúde, proporcionando produtos e serviços de saúde mais efetivos, melhorando a saúde, e fortalecendo os Sistemas de Saúde.

Bibliografia

1. Canadian Institutes of Health Research. Guide to Knowledge Translation Planning at CIHR: Integrated and End-of-Grant Approaches [Internet]. Ottawa; 2012 [cited 2018 Oct 29]. Available from: www.cihr-irsc.gc.ca
2. Madon T, Hofman KJ, Kupfer L, Glass RI. Implementation Science. Science (80-) [Internet]. 2007 [cited 2018 Oct 11];318:1728–9. Available from: <http://grants>.
3. McGlynn EA, Asch SM, Adams J, Keesey J, Hicks J, DeCristofaro A, et al. The Quality of Health Care Delivered to Adults in the United States [Internet]. Vol. 26, The new england journal of medicine. 2003 [cited 2018 Oct 11]. Available from: www.nejm.org
4. Schuster MA, McGlynn EA, Brook RH. How good is the quality of health care in the United States? 1998. Milbank Q [Internet]. 2005 [cited 2018 Oct 11];83(4):843–95. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16279970>
5. Oelke ND, Lima MA, Acosta AM. Knowledge translation: translating research into policy and practice. 2015 [cited 2018 Oct 11];36(3):113–20. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/1983->
6. Grimshaw JM, Eccles MP, Lavis JN, Hill SJ, Squires JE. Knowledge translation of research findings. Implementation Science [Internet]. 2012;7(1):1. Available from: <http://www.implementationscience.com/content/10/1/135>
7. Squires JE, Graham ID, Hutchinson AM, Michie S, Francis JJ, Sales A, et al. Identifying the domains of context important to implementation science: a study protocol. Implement Sci [Internet]. 2015 Sep 28 [cited 2015 Oct 8];10(1):135. Available from: <http://www.implementationscience.com/content/10/1/135>
8. Kitson A, Brook A, Harvey G, Jordan Z, Marshall R, O'shea R, et al. Using Complexity and Network Concepts to Inform Healthcare Knowledge Translation. Kerman Univ Med Sci [Internet]. 2017 [cited 2018 Oct 30];7(3):231–43. Available from: <http://ijhpm.com>
9. Latour B. Como prosseguir a tarefa de delinear associações? Configurações. 2006;2:11–27.
10. Callon M. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay. In: Law J, editor. Power, action and belief: a new sociology of knowledge? [Internet]. London: Routledge; 1986 [cited 2017 Jul 25]. p. 196–223. Available from: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.614.3046&rep=rep1&type=pdf>
11. Latour B. A esperança de Pandora. Bauru: Edusc. Bauru - SP: EDUSC; 2001.
12. Clavier C, Gendron S, Lamontagne L, Potvin L. Understanding similarities in the local implementation of a healthy environment programme: Insights from policy studies. Soc Sci Med [Internet]. 2012;75(1):171–8. Available from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2012.02.044>
13. Akrich M, Callon M, Latour B. Sociologie de la traduction. Textes fondateurs. Paris: Presses de l'Ecole des Mines; 2006. 304 p.
14. Bilodeau A, Potvin L. Unpacking complexity in public health interventions with the Actor–Network Theory. Health Promot Int [Internet]. 2016;1–9. Available from: <http://www.heapro.oxfordjournals.org/lookup/doi/10.1093/heapro/daw062>
15. Law J. Traduction / Trahison: Notes on ANT. Convergencia [Internet]. 2006 [cited 2018 Oct 29];13(42):47–72. Available from: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-14352006000300004&lng=es&nrm=i so&tng=en
16. Lavis JN, Robertson D, Woodside JM, McLeod CB, Abelson J. How Can Research Organization More Effectively Transfer Research Knowledge to Decision Makers? Milbank Q. 2003;81(2):221–48.
17. Maclean H, Gray R, Narod S, Rosenbluth A. Effective Knowledge Translation Strategies for Breast Cancer Information. [Internet]. Canadian Institute for Health Research. 2004 [cited 2018 Oct 10]. Available from: <http://www.crwh.org/du/products/nccdrapproach.html>
18. Johnson LS. From knowledge transfer to knowledge translation: Applying research to practice. Contents. 2005;7(4):11–4.
19. Jacobson N, Butterhill D, Goering P. Developing a framework for knowledge translation. J ofHealth Sci Res Policy. 2003;8:94–9.
20. Paley J, Eva G. Complexity theory as an approach to explanation in healthcare: A critical discussion. Int J Nurs Stud [Internet]. 2010 [cited 2018 Oct 30];48:269–79. Available from: www.elsevier.com/ijns
21. Tenbensen T. Complexity in health and health care systems. Soc Sci Med [Internet]. 2013 [cited 2018 Oct 30];93:181–4. Available from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2013.06.017>
22. Latour B, Woolgar S. Vida de laboratório. Rio de Janeiro: Relumbre - Dumara; 1997. 312 p.
23. Aubry F, Potvin L. Construire l'espace socio-sanitaire: expériences et pratiques de recherche dans la production locale de la santé. Montreal: Presses de l'Université de Montréal; 2012.
24. Law J. Notes on the Theory of the Actor Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity [Internet]. 1992 [cited 2018 Oct 29]. Available from: <http://comp.lancs.ac.uk/sociology/soc054jl.html>
25. Patton MQ. Evaluation Science. Am J Eval. 2018;39(2):183–200.
26. Farlie E, Dopson S, Fitzgerald L, Locock L. Renewing policy to support evidence-based health care. Public Adm [Internet]. 2009 Dec 1 [cited 2018 Nov 13];87(4):837–52. Available from: <http://doi.wiley.com/10.1111/j.1467-9299.2009.01796.x>
27. Figueiro AC, de Araújo Oliveira SR, Hartz Z, Couturier Y, Bernier J, Do Socorro Machado Freire M, et al. A tool for exploring the dynamics of innovative interventions for public health: the critical event card. Int J Public Health. 2016;
28. Dias S, Figueiró AC, Gribel E, Salvo MP de, Pirmez C, Hartz Z. Avaliação do processo de translação do conhecimento na investigação em saúde - um estudo de caso dos projetos Grand Challenges Brasil. An do IHMT. 2016;15:95–9.
29. Ellen ME, Lavis JN, Ouimet M, Grimshaw J, Bédard P-O. Determining research knowledge infrastructure for healthcare systems: a qualitative study. Implement Sci [Internet]. 2011 Jun 6 [cited 2018 Oct 29];6:60. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21645401>
30. Cardoso B, Hirata D. Dispositivos de inscrição e redes de ordenamento público: uma aproximação entre a teoria do ator-rede (ANT) e foucault. Sociol Antropol [Internet]. 2017 Apr [cited 2018 Nov 14];7(1):77–103. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752017000100077&lng=pt&tng=pt

Conflitos de interesses:

Os autores declaram que não existem conflitos de interesses.